LEMAD
História
USP

Universidade de São Paulo
Brasil

KITS DIDÁTICOS
DOCUMENTOS HISTÓRICOS NO ENSINO

DISPUTAS CARNAVALESCAS

Pierrô e foliões. Coleção particular, 1963. Heitor dos Prazeres. Disponível em:<http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/15432-a-arte-de-heitor-dos-prazeres-e-os-campos-de-experi%C3%AAncia-da-educa%C3%A7%C3%A3o-infantil> Acesso em: 10 mai. 2022.

Laboratório de Ensino e Material Didático

KITS DIDÁTICOS
DOCUMENTOS HISTÓRICOS NO ENSINO

Coordenação:
Prof.ª Drª. Antonia Terra de Calazans Fernandes

Monitor Bolsista da Licenciatura:
Danilo Eiji Lopes

Programa Unificado de Bolsas de Estudos:
Isabella Oliveira Cafer
Luana Vendemiatti Mendes
Mariana Meneses Fernandes Da Silva

Voluntária:
Alessandra Andrade das Neves

Funcionário Administrativo:
Marcos Antonio de Oliveira

Laboratório de Ensino e Material Didático - LEMAD
Departamento de História – FFLCH –USP
2022

LISTA DE DOCUMENTOS

1A. BEIJA-FLOR**.** Samba Enredo "Ratos e Urubus", Larguem minha fantasia, 1989. Letras. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/beija-flor-rj/709628/> Acesso em: 10 mai. 2022.

ABRE ALAS E ALA CONVITE. In: RAMOS, Jorge Renato Ramos. Mesmo proibido, Olhai por nós. *Sambario,* 24 de outubro de 2016, nº 4, ano I. Disponível em: <http://www.sambariocarnaval.com/index.php?sambando=jorge04> Acesso em: 10 mai. 2022.

1B. S/A. Igreja e samba brigam na avenida. São Paulo: *Jornal O Estado de São Paulo*, 07 de fevereiro de 1988. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19890207-34959-nac-0008-999-8-not> Acesso em: 10 mai. 2022.

2A. "Cena de Carnaval". Jean Baptiste Debret. 1823. Disponível em: <https://andredorigo.com.br/debret/> Acesso em: 10. mai. 2022.

BARROS, Maria Paes de. *No tempo de dantes*. São Paulo: Paz e Terra, 1998, p. 39 – 40.

2B. S/A. *Revista Illustrada***,** nº 238, ano 6, 1881. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/332747/per332747_1881_00238.pdf> Acesso em: 10 mai. 2022.

LISTA DE DOCUMENTOS

S/A. “O Carnaval de 1910”. In: *Fon-Fon:* Semanario Alegre, Político, Crítico e Espusiante, nº 08, 19 de fevereiro de 1910. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=259063&pesq=%22Tenentes%20do%20Diabo%22&pagfis=4057. >Acesso em: 10 mai. 2022.

TENENTES DO DIABO; DEMOCRÁTICOS; e, CLUB DOS FENIANOS. “Manifesto á população fluminense”. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 28 de fevereiro de 1881, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1881_00059.pdf> Acesso em: 10 mai. 2022.

3A. CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da Folia*: uma história social do carnaval brasileiro entre 1880 e 1920. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 179.

S/A. J. Viva o cordão! **O Paiz**, 15 de fevereiro de 1904. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=178691_03&pasta=ano%20190&pesq=%22viva%20o%20cord%C3%A3o%22&pagfis=7255.>. Acesso em: 10 mai. 2022.

3B. AZEVEDO, Arthur. O Carnaval. In: **O Paiz**, 15 de fevereiro de 1904. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=178691_03&pasta=ano%20190&pesq=%22viva%20o%20cord%C3%A3o%22&pagfis=725>. Acesso em: 10 mai. 2022.

3C. S/A. *Salve “Cordão da Bola Preta”*, Penha de 1936. Rio de Janeiro, RJ. Acervo FBN. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=4376>. Acesso em: 10 mai. 2022.

LISTA DE DOCUMENTOS

4A. CRUZ, Tamara dos Santos. *As escolas de samba sob vigilância e censura na ditadura militar:* memórias e esquecimentos. Dissertação (Mestrado em: História Social), Departamento de História, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia,Universidade Federal Fluminense, São Paulo. 131. f. 2010, p.53-54.

4B. S/A. "Primeiros desfiles das escolas do Rio". Acervo do Jornal *O Globo.* , 13 de fevereiro de 1932, s/p. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/incoming/primeiros-desfiles-das-escolas-do-rio-22405479> Acesso em: 10 mai.. 2022.

5. S/A. "Músicas de Carnaval". [Seção] Notas e Comentários. In: *Correio Paulistano*, 3 de fevereiro de 1940, p. 5. Disponível em: <https://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=090972_09&Pesq=entrudo&pagfis=381> Acesso em: 10 mai. 2022.

6A. NICOLAV, Vanessa. *Histórias (quase) esquecidas de repressão no Carnaval*: Episódios do começo do século revelam perseguição aos sambistas dos primeiros cordões carnavalescos no país. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/02/21/historias-quase-esquecidas-de-repressao-no-carnaval> Acesso em: 10 mai. 2022.

6B. MARIA, Zé. "Relato de Zé Maria". In: BARONETTI, Bruno Sanches. *Espaços de sociabilidade das populações negras em São Paulo:* as escolas de samba e suas intersecções com os movimentos associativos (1949-1978). 466 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 466 f. 2021, p. 30-32. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-24062021-184504/publico/2021_BrunoSanchesBaronetti_VCorr_V1.pdf > Acesso em: 10 mai. 2022.

LISTA DE DOCUMENTOS

7A. PERUCHI, Seu Carlão do. “Entrevista com Seu Carlão do Peruche”, 21 dez. 2018. In: BARONETTI, Bruno Sanches. *Espaços de sociabilidade das populações negras em São Paulo*: as escolas de samba e suas intersecções com os movimentos associativos (1949-1978). 466 f. Tese (Doutorado em História Social) História, Departamento de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021, p. 333. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-24062021-184504/publico/2021_BrunoSanchesBaronetti_VCorr_V1.pdf > Acesso em: 10 mai. 2022.

7B. FILME, Geraldo. Silêncio no Bexiga. Intérprete: Geraldo Filme. Álbum Plínio Marcos em Prosa e Samba “Nas quebradas do Mundaréu”. Gravadora Chantecler. Catálogo CMGS - 9072, 1974.

“Walter Gomes de Oliveira, o Pato N 'Água, em desfile na década de 1960”. MORAES, José Geraldo Vinci de. História e Música: canção popular e conhecimento histórico. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: vol. 20, n°39, 2000, s/p.

8. VIDAL, Janice Estarlindo. *Tempo de folia*: um estudo do carnaval em Ponte Nova - MG na primeira metade do século XX. 2019. f. 183. Dissertação (Mestrado) - Mestrado profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania. Universidade Federal de Viçosa, 2019, p. 102.

LEITURA DOS DOCUMENTOS

"Sou na vida um mendigo, Da folia eu sou rei."
Samba-enredo da Beija Flor, 1989.

"...durante o carnaval é a própria vida que representa, e por um certo tempo o jogo se transforma em vida real."
BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento. O contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 2010, p. 9.

As festas podem ser entendidas como uma suspensão lúdica dos problemas cotidianos da realidade, mas aqui as estudamos como acontecimentos históricos. Nelas encontramos diferentes atores, conflitos, tensões, disputas, rituais e variadas formas de expressão e materialidades. Nessa perspectiva, paramos para analisar o carnaval, procurando distinguir alguns de seus aspectos em determinados contextos da história brasileira.

Iniciamos com uma tensão presente no carnaval de 1989. *Ratos e Urubus, Larguem a Minha Fantasia* foi o título do samba enredo da escola de samba Beija-flor, do Rio de Janeiro, naquele ano, questionando o luxo e apresentando a pobreza. O desfile abriu alas para mendigos, desocupados, pivetes, meretrizes, loucos, profetas, esfomeados e povo de rua e defendeu o carnaval como uma festa que mescla a vida e a ilusão. O tema e a apresentação foram muito criticados e um carro alegórico censurado, por ser incomum explicitar o conflito entre o luxo da festa, a realidade das ruas e a liberdade do carnaval.

O primeiro documento deste Kit **(1A)** é a letra deste samba enredo. Junto com ele, apresentamos algumas imagens do desfile da Beija-flor na Sapucaí. A primeira delas é uma ala chamada "Convite", clamando para o povo tirar "dos lixos desse imenso país restos de luxos", fazer suas fantasias e "participar deste grandioso *Bal Masqué*". A imagem representa uma crítica aos desfiles de carnavais luxuosos e faz uma provocação ao convidá-los para um baile de máscaras em francês. A segunda imagem é um carro alegórico que traz a frase "Mesmo proibido, olhai por nós!", com a imagem do Cristo Redentor como um mendigo, embaixo de um saco de lixo, que havia sido censurado pela Igreja Católica.

Junto com esses documentos, há uma reportagem **(1B)** noticiando que a Igreja entrou com uma ação para impedir que a Beija-Flor apresentasse a imagem do "Cristo Redentor, encravada numa gigantesca alegoria de favela". Em resposta, a escola defendeu a importância desse carro alegórico por ser a primeira de uma série de alegorias que fazia alusão à miséria e à pobreza. Atendeu, então, à determinação da justiça, mas, foi ao desfile cobrindo a estátua com saco preto e exibindo a proibição aos jurados e ao público.

Retrocedemos, então, aos séculos anteriores, para conhecermos a história que antecedeu ao carnaval contemporâneo, destacando a diversidade das práticas dos festejos entre as diferentes camadas sociais. O **documento 2** trata do entrudo, uma prática cultural baseada em brincadeiras trazidas ao Brasil pelos portugueses no final do século XVI, que permaneceu quase intacta ao longo do tempo e que sempre foi reprimida nas manifestações das classes mais pobres. Os populares participavam da brincadeira nas ruas jogando água, farinhas, terra e até urina uns nos outros. As elites praticavam o entrudo nas suas próprias casas, utilizando laranjas/limões de cera contendo água aromática ou apenas água comum. No **documento 2A** temos uma imagem de Debret representando o entrudo nas ruas e como contraponto, um trecho do livro "No tempo de Dantes", de Maria Paes de Barros, descrevendo essas práticas culturais e mostrando um certo saudosismo do carnaval de rua dos estratos mais ricos.

No **documento 2B**, observamos uma dinâmica de desestabilização do entrudo a partir de meados do século XIX, quando o carnaval começou a passar por mudanças. As camadas sociais mais ricas passaram a frequentar bailes de máscaras, no estilo veneziano, mostrando supostos "avanços em termos de civilização". Essas classes sociais foram participando do novo carnaval até atingir as ruas nesse novo formato, momento no qual se dá o surgimento das chamadas sociedades carnavalescas, ao mesmo tempo em que a repressão policial das camadas populares se intensificou. A figura da Revista *Fon-Fon* ilustra a morte do entrudo por esse novo carnaval, elucidando uma pretensa vitória das elites e um desejado fracasso das camadas mais baixas da população, embora a resistência tenha sido sempre presente. A fotografia de 1910 e o excerto do jornal retratam esse momento ocorrido entre os fins do século XIX e início do século XX.

Os desfiles luxuosos levados às ruas pelas *Grandes Sociedades Carnavalescas* tinham como objetivo exibir o modelo de carnaval que deveria ser seguido e cultuado por todos. Esse aspecto educativo foi importante ao longo do processo de eliminação do entrudo, todavia, gerou modos diversos de vivenciar o carnaval. Ao contrário dos desfiles luxuosos produzidos pelos clubes *Tenentes do Diabo, Democráticos e Fenianos*, os cordões carnavalescos foram uma maneira das camadas mais pobres participarem dos desfiles de acordo com suas possibilidades.

O **documento 3A** apresenta a fotografia do cordão *Coração de Ouro* de 1907, com seus estandartes e membros junto ao artigo intitulado *Viva o Cordão,* publicado no jornal carioca *O Paiz* em 1904. Nesse documento, os cordões eram considerados como os verdadeiros símbolos do carnaval e guardiões das tradições populares e, por esse motivo, defendidos como a representação do povo e da alegria carnavalesca. A opinião emitida pelo repórter do jornal destoava da maioria das impressões causadas pelos cordões nas elites, tanto que o artigo finaliza com a seguinte orientação: "*O cordão deveria ser, não o alvo da troça dos chronistas, mas o ponto de convergencia de seus applausos mais carinhosamente animadores*."

A historiadora Fabiana Lopes da Cunha apresenta a importância dos cordões, como eram organizados e explicita como estavam diretamente relacionados à população negra e seus costumes.

> Este tipo de agremiação carnavalesca [cordões] era extremamente malvisto porque, além de ser composto por foliões das camadas subalternas, possuía como sócios, capoeiras, que eram escolhidos para o encargo de proteger o estandarte, o maior símbolo identitário da comunidade e do grupo (...) Não é por acaso, portanto, que as pessoas escolhidas para defender estes 'panos' fossem, em geral, exímios capoeiristas que, às vezes, usavam, além das navalhas, adereços da fantasia em suas lutas para proteger o estandarte do ataque de uma comunidade adversária.[1]

A visão negativa para os cordões está presente no **documento 3B** a partir da crônica *O Carnaval*, escrita por Arthur Azevedo e publicada na mesma edição do jornal *O Paiz* do documento anterior. Nesta caracterização, Azevedo considera as cantigas como "intoleráveis" e afirma que pagou por todos seus pecados ao morar próximo de um cordão no bairro de Botafogo. Esse profundo desprezo expresso pelo autor demonstrava a percepção das elites sobre as manifestações populares do período, já que eram consideradas como "bárbaras" e contrárias à "civilização" pretendida pela intelectualidade do início do século XX no Brasil.

> (...) a condenação dos hábitos e costumes ligados pela memória à sociedade tradicional; a negação de todo e qualquer elemento da cultura popular que pudesse macular a imagem civilizada da sociedade dominante; uma política rigorosa de expulsão dos grupos populares da área central da cidade, que será praticamente isolada para o desfrute exclusivo das camadas aburguesadas; e um cosmopolitismo agressivo, profundamente identificado com a vida parisiense.[2]

A cidade moderna aspirada pelas elites nacionais segregava e determinava os lugares específicos dos pobres e dos ricos. A Reforma Pereira Passos, no Rio de Janeiro, foi o apogeu deste modelo urbano e social. Nesta nova cidade, a repressão física atuava conjuntamente com o deslocamento dos mais pobres das áreas centrais e com a desconfiança constante de suas manifestações culturais, artísticas e festivas, sendo os cordões os alvos prediletos durante o início do século XX. Contudo, os cordões resistiram como manifestação popular por mais algumas décadas.

---

1. CUNHA, Fabiana Lopes da. *Caricaturas carnavalescas:* Carnaval e Humor no Rio de Janeiro através da Ótica Das Revistas Ilustradas Fon-Fon! e Careta (1908-1921). Tese (Doutorado em: História Social), Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 510 f. V.15, 2008, p.169. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-08072008-145100/publico/TESE_FABIANA_LOPES_DA_CUNHA.pdf Acesso em: 10 mai. 2022.
2. SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão:* tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1999, p 30.

O **documento 3C** é uma fotografia do *Cordão da Bola Preta* de 1936, no Rio de Janeiro, demonstrando como foram incorporados e permaneceram mesmo com a oposição das elites.

O mesmo medo e repugnância dirigidos aos cordões foi vivenciado por outra expressão artística nascida em meio popular: o samba. Nesse sentido, o relato presente no **documento 4A** é capaz de representar estas novas disputas pelos ambientes da cidade e pela autoridade do carnaval, surgidas em meados da década de 1930. Membro da *Ala da Velha Guarda da Portela*, Sr. Newton descreve quais espaços podiam ser ocupados pelos sambistas da cidade do Rio de Janeiro, durante os primeiros momentos das organizações que vieram a se tornar as escolas de samba. Marcado pela perseguição da polícia, o samba se desenvolveu nos morros da cidade, locais em que os "batuqueiros" se encontravam.

Ainda nesta temática, o **documento 4B** é composto de duas fotos de desfiles da década de 1930, que ilustram as fases iniciais do modelo de carnaval que celebramos hoje, indicada no relato de Sr. Newton. A primeira delas é do bloco carnavalesco "Turunas do Lloyd" e a segunda representa o primeiro desfile da Portela em 1932, que na época ainda era conhecida como "Vai como pode".

O **documento 5**, *Músicas de Carnaval*, faz parte da seção *Notas e comentários* do jornal *Correio Paulistano* da edição de 1940. O periódico de origem atrelado ao finado Partido Republicano Paulista (PRP), já se encontrava alinhado politicamente à ditadura do Estado Novo, contudo, no que se refere ao carnaval, não deixara de se posicionar contrariamente à decisão do concurso carnavalesco promovido pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) do mesmo ano. As críticas encontradas no editorial se reportam a ausência do "carnaval de verdade" nos sambas premiados, uma alusão aos temas e representações presentes nas marchas dos cordões de rua que estavam em vias de extinção, como o Pierrot e a Colombina. As apreciações do periódico também demonstram incômodo com as referências das músicas aos personagens negros suburbanos e seus comportamentos.

Desde a ascensão de Getúlio Vargas ao poder, o samba foi gradativamente se tornando o principal símbolo musical nacional, mas não sem cerceamentos ou a tentativa de enquadramento de seus autores e letras. Foi na década de 1930 que o carnaval foi oficializado pela prefeitura do Distrito Federal, na época, ainda a cidade do Rio de Janeiro, e é justamente nesse contexto de transformação e controle da folia, acentuado com o golpe do Estado Novo, que se encontra o editorial do Correio Paulistano. A essa altura, as máscaras já estavam proibidas. O DIP atuava forte com a censura e a propagação da ideologia do Estado Novo, como o trabalhismo, a exaltação ufanista. E o governo já compreendia o potencial turístico da festa.

Rapidamente começam a aparecer sambas onde a figura do malandro vai se esmaecendo nos moldes "civilizados", onde há a troca da "vadiagem" pelo trabalho, e comumente são compostas letras de exaltação às belezas naturais, à sociedade brasileira, todas repletas de clichês. Além disso, não havia emolduramento mais eficaz do que promover concursos e premiações às escolas de samba, onde se poderia selecionar júris, estabelecer critérios de avaliação, definir locais, estabelecer padrões de vestimenta e comportamento.

O historiador Adalberto de Paula Paranhos, lembra, apesar do cerceamento, da importância desse reconhecimento para a população negra:

> O samba, ao extrapolar os territórios e os grupos sociais de onde se originara, era motivo de orgulho para os sambistas. Ele atuava como fator de afirmação social e identificação sociocultural de grupos e classes sociais normalmente marginalizados na esfera de circulação dos bens simbólicos. Os sambistas assistiam, com justa satisfação, à transformação, seja lá como for, da obra brotada de seu talento em símbolo de brasilidade.[3]

Ademais, é necessário lembrar que mesmo com o controle, muitos compositores conseguiam driblar a censura e que o principal tema das letras ainda continuava sendo o amor e seus desvios, e é justamente nesse ponto que a letra do samba "Oh! Seu Oscar" [4], de Ataulfo Alves e Wilson Batista foi a vencedora do concurso carnavalesco promovido pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP).

A composição foi criticada pelo editorial do *Correio Paulistano* por não fazer nenhuma referência ao Brasil da "ordem e do progresso", se muito o tema do trabalho, mas não como o esperado, pois o personagem que aparece se mostra cansado, "martirizado" e ainda abandonado pela esposa. Vale ressaltar que a imagem da mulher, presente no samba, também não se adequa à figura "recatada e do lar", pelo contrário, com paixão e determinação. A tentativa de domesticar, "civilizar", padronizar a festa e a folia por parte das elites e do Estado são perceptíveis em toda a história republicana, mas igualmente acompanhada de resistência e criatividade.

Como se verifica ao longo de toda esta discussão, carnaval e repressão andam lado a lado para determinados grupos sociais. Isto foi agravado durante o contexto da ditadura militar (1964-1985). Para dar conta desta fase, o kit traz como **documento 6** dois relatos orais de sambistas da tradicional escola de samba paulista *Unidos do Peruche***,** que destacavam as repressões. No **documento 6A,** seu Carlão, um dos integrantes mais antigos da escola, nos relembra que foi preso por fazer samba e faz questão de associar a violência ao racismo. Para o sambista, o carnaval não era coibido apenas por ser popular, mas porque "(...) era coisa de negro. Samba era coisa de negro e a sociedade não aceitava (...)".

A repressão associada à questão racial é uma marca que acompanha as festas de carnaval desde sua criação, mas que, segundo o historiador Bruno Bornetii, cristalizou-se durante o regime militar.

---

3. PARANHOS, Adalberto de Paula. *Os desafinados: sambas e bambas no "Estado Novo"*. Tese (Doutorado em História Social) - História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC), São Paulo, 208 f .2005, p.104. Disponível em: <https://tede.pucsp.br/bitstream/handle/13172/1/Tese%20Adalberto%20de%20Paula%20Paranhos.pdf?msclkid=6b7e3d98cfd111ecb77968054cffc56d> Acesso em: 10 mai. 2022.

4. Disponível em: https://cantodampb.com/oh-seu-oscar-ataulfo-alves-e-wilson-batista. Acesso em: 15 mai. 2022.

> Eles não queriam mostrar um carnaval africanizado, um carnaval formado por negros e mulatos, formados por pessoas pobres e que era altamente contagiante, que era altamente popular e que trazia nessa memória afetiva, que as pessoas que escutavam, se movimentavam muito mais, do que esse carnaval de polcas, de espaços fechados de brancos.[5]

Como complemento, no documento **6B** trazemos o relato do cantor, compositor e também membro da *Unidos do Peruche*, Zé Maria. Agora, ele destaca uma das repressões mais brutais empreendidas pelo governo militar em relação à escola. Segundo o sambista, a quadra da Peruche foi invadida por policiais do “Esquadrão da Morte” - "(...) Metralharam tudo. Não ficou nada inteiro!". Além do ambiente, as pessoas foram agredidas e uma segunda invasão aconteceu poucas horas depois. "Cercaram o quarteirão inteiro. Tiro, bomba, mas era a época deles, não é? Essa segunda rodada na quadra foi dura. Tem gente com sequelas até hoje (...)".

O historiador Bruno Bornetti chama atenção para o fato de que "(...) A estratégia utilizada pelos militares para esclarecer a invasão foi muito comum durante a ditadura na repressão contra a população negra". Chama atenção para o fato de que os militares usavam como “justificativa a incriminação por algum ‘crime comum' para eliminar ou prender alvos com atuação política(...)“ [6] e joga luz na associação entre repressão e preconceito racial.

No **documento 7A**, retomamos os importantes relatos de Seu Carlão da Peruche para discutirmos os pontos mais altos de atitudes repressivas: os assassinatos. O sambista relembra a morte de seu colega de escola de samba Pato N'água, encontrado morto em uma lagoa em Suzano com vestígios de tiro em suas roupas e faz questão de veicular a morte ao aparato policial da ditadura e a questão racial. Relembra que na época "tinha a lei da vadiagem, você tinha que ter carteira assinada" e afirma que seu amigo não morreu afogado, mas foi assassinato, uma vez que durante o regime militar "(...) ROTA, o DOPS, a Polícia do Exército, todos eles tinham esquadrão da morte(...)“.

No **documento 7B** complementamos a questão com a canção "Silêncio do Bexiga", escrita por Walter Gomes de Oliveira e apresentada em desfile nos anos de 1960. A canção pede silêncio no Bexiga como forma de representação do luto vivenciado pela comunidade com a morte de Pato N'água, mas, em suas entrelinhas, protesta contra as repressões destacando que assassinatos como este não eram exceções.

---

5. NICOLAV, Vanessa. *Histórias (quase) esquecidas de repressão no Carnaval:* Episódios do começo do século revelam perseguição aos sambistas dos primeiros cordões carnavalescos no país. São Paulo, 2020, s/p. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/02/21/historias-quase-esquecidas-de-repressao-no-carnaval> Acesso em: 12 mai. 2022.

6. BARONETTI, Bruno Sanches, Espaços de sociabilidade das populações negras em São Paulo: as escolas de samba e suas intersecções com os movimentos associativos (1949-1978). São Paulo, 2021. Disponível em: <://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-24062021-184504/pt-br.php> Acesso em: 12 mai.2022.

Segundo a letra, "um fato repete de novo. Sambista de rua, artista do povo. E é mais um que foi sem dizer adeus"

Para finalizar, o **documento 8** traz o relato de Carlos Pinto da Paixão, um dos moradores do Bairro de Fátima (Ponte Nova - MG) sobre o surgimento da escola de samba *Unidos do Sapé* e sua importância para a população do bairro. Conforme relatado por Carlos, o momento do desfile era a hora dos membros da escola - predominantemente cortadores de cana - assumirem a importância no tecido social que os desprezava cotidianamente e alcançarem destaque perante os outros sujeitos. Assim, o depoimento mostra como o carnaval pode atuar como o momento de subversão da ordem e ser “o triunfo de uma espécie de liberação temporária da verdade dominante e do regime vigente, de abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios, regras e tabus.” [7]

---

7. BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento. O contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 2010, p. 8.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento. O contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 2010, p. 8.

BARONETTI, Bruno Sanches, *Espaços de sociabilidade das populações negras em São Paulo*: as escolas de samba e suas intersecções com os movimentos associativos (1949-1978). Tese (Doutorado em História Social), Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 466 f. São Paulo, 2021. Disponível em: <://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-24062021-184504/pt-br.php> Acesso em: 12 mai.2022.

CUNHA, Fabiana Lopes da. *Caricaturas carnavalescas:* Carnaval e Humor no Rio de Janeiro através da Ótica Das Revistas Ilustradas Fon-Fon! e Careta (1908-1921). Tese (Doutorado em História Social) Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 510 f. 2008, p.169.

NICOLAV, Vanessa. *Histórias (quase) esquecidas de repressão no Carnaval*: Episódios do começo do século revelam perseguição aos sambistas dos primeiros cordões carnavalescos no país. São Paulo, 21 fev. 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/02/21/historias-quase-esquecidas-de-repressao-no-carnaval> Acesso em: 12 mai. 2022.

PARANHOS, Adalberto de Paula. *Os desafinados: sambas e bambas no "Estado Novo"*. Tese (Doutorado em: História Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC), São Paulo, 208 f. 2005, p.104 <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/13172/1/Tese%20Adalberto%20de%20Paula%20Paranhos.pdf> Acesso em: 16 mai. 2022.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão:* tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1999, p.30.

PROPOSTA DIDÁTICA

Documento 1

Em relação ao documento 1A, responda:

01. A qual escola de samba pertence o samba-enredo apresentado? Qual o ano de produção?

02. Qual o título do samba-enredo?

03. Leia os versos e em seguida responda: “Sou na vida um mendigo/Da folia eu sou rei”. Como você interpreta esta afirmação? O que a letra pretende expressar?

04. Observe as imagens do desfile em que o samba-enredo foi utilizado. Como são as fantasias das pessoas? Elas são parecidas com as que você costuma ver em outros desfiles de carnaval?

05. Na primeira imagem, por que você acredita que o nome da ala seja “Convite”?

06. A partir das imagens e da leitura do documento, como o título do samba pode ser entendido?

07. Observe a segunda foto do desfile.

a) Na canção, um verso declara: “Larguem minha fantasia/ Que agonia… deixem-me mostrar meu carnaval”. Como estas palavras se ligam à imagem? Que carnaval estão mostrando?

b) O que você imagina estar sendo proibido na imagem?

Agora, relativo ao documento 1B, responda:

08. Qual a data do documento?

09. Qual foi a proibição imposta ao desfile da escola de samba Beija-Flor?

10. Por que você acha que essa é uma questão que gerou conflito?

11. Como o arcebispo da igreja católica dom Eugênio classifica o carnaval? Qual sua recomendação para os cristãos?

12. Retome a segunda imagem do documento 1A e responda: qual foi a estratégia utilizada pela Beija-Flor para manter a proposta do seu enredo?

13. Quais ideias você acha que a escola Beija-Flor conseguiu transmitir com seu desfile?

PROPOSTA DIDÁTICA

Documento 2

Sobre o documento 2A:

14. Observe a imagem e responda:

a) O que você vê na imagem?
b) Quem é o autor dela?
c) Em que ano ela foi realizada/publicada?

15. A imagem representa o entrudo. Esse era o nome dado ao carnaval até o século XIX. Observe as características do entrudo daquela época. Como eram as brincadeiras? Onde elas aconteciam? Quem participava?

16. Quem é a autora do texto?

17. Qual é o título dele?

18. O entrudo era realizado cotidianamente ou em ocasião especial? Por quê?

19. Conforme a autora, quem eram as pessoas que recebiam algum dinheiro com vendas durante o entrudo? O que comercializavam? Descreva.

20. Como era o carnaval que substituiu o entrudo? Remetia a que grupo social?

21. Por que a autora afirma que o carnaval de "hoje" (da época dela) "perdeu seu brilho"?

22. Comparando a imagem e o texto, responda:

a) As pessoas e as práticas representadas na imagem são as mesmas descritas no texto? Quais são as diferenças?

Responda, em relação ao documento 2B:

23. Quando o documento foi publicado?

24. Qual é o título da revista?

25. O que você vê na imagem?

26. O que seus personagens estão fazendo?

27. Quais são as características de cada personagem?

28. Leia a legenda e responda: qual ideia a revista defendia com essa imagem?

29. Como a imagem mostra a transição entre o entrudo e o carnaval abordada no documento 2A?

PROPOSTA DIDÁTICA

30. Agora observe a imagem intitulada “O Carnaval de 1910”.

a) Quando essa imagem foi feita/publicada?
b) Onde a festa está acontecendo?
c) Quais os elementos que representam o carnaval na imagem?
d) Como os participantes do carnaval estão vestidos?

31. Retome o documento 2A. A imagem se assemelha mais ao entrudo ou à descrição do novo carnaval?

32. O documento seguinte foi publicado no jornal “Gazeta de Notícias” no ano de 1881 e fala sobre as sociedades carnavalescas (clubes carnavalescos).

a) Quem são os autores?
b) Como eles definem o entrudo? E por que eles desejavam banir?
c) Na opinião dos autores, que tipo de festa carnavalesca substituiria o entrudo?

33. O que os autores do texto entendem como “progresso e civilização”? Qual sociedade buscavam imitar?

34. De acordo com o texto, elas gastavam muito ou pouco em seus “folguedos”?

35. Por que essas sociedades pretendiam “exceder o esplendor ao luxo ostentado nos anos anteriores”?

36. A quais camadas da sociedade elas pertenciam? Esclareça.

37. O que os autores do Manifesto pedem à sociedade fluminense?

<u>Documento 3</u>

Observe a fotografia e leia o artigo “Viva o Cordão!” presentes no documento 3A.

38. A fotografia do cordão “Coração de Ouro” foi registrada na revista “O Malho” em 1907. Descreva os elementos que você consegue identificar, como as vestimentas, os objetos, as atitudes das pessoas ao redor, entre outros.

a) Compare essa fotografia com a imagem do carnaval de 1910 presente no documento 2B. Quais são as principais diferenças e semelhanças?
b) Você acredita que essas pessoas fotografadas eram ricas ou pobres? Por quê?

PROPOSTA DIDÁTICA

39. O texto "Viva o Cordão!" foi publicado no jornal "O Paiz" em 1904. Leia os trechos selecionados e responda:

a) Como os cordões são descritos logo no início do texto?
b) Quais são as comparações feitas entre as grandes sociedades carnavalescas e os cordões?
c) Em quais lugares das cidades os cordões desfilavam?
d) Segundo o autor, qual era a importância dos cordões para o carnaval?

40. O texto é encerrado da seguinte forma: "*O cordão devia ser, não o alvo da troça dos chronistas, mas o ponto de convergencia de seus applausos mais carinhosamente animadores.*"

a) Por que você acha que os cordões eram mal vistos por outros cronistas da época?
b) Qual a perspectiva do autor em relação aos cordões? É positiva ou negativa? Escolha um trecho do texto que represente a visão do autor.

41. O documento 3B traz o texto "O Carnaval", escrito por Arthur Azevedo e publicado no jornal "O Paiz" em 1904.

a) A partir do ponto de vista do autor, qual manifestação carnavalesca era a responsável por transformar o carnaval em algo "*indigno da civilização americana"?* Quais são os termos utilizados para caracterizá-la?
b) Por qual motivo Arthur Azevedo afirma que "pagou todos os pecados e alcançou um lugar no céu"?
c) O texto "O Carnaval" e o artigo "Viva o cordão!" foram publicados na mesma edição do jornal "O Paiz". Elas concordam entre si? Retire trechos dos dois documentos que esclareçam sua resposta.

Veja o documento 3C:

42. Qual o nome do cordão?

43. E a data da fotografia?

44. Observe as fantasias das pessoas fotografadas. Há diferenças entre essa foto e a presente no documento 3A? Quais são?

45. Como visto nos documentos anteriores, os cordões foram objetos de disputa entre pessoas que destacaram sua importância e outras que mostraram grande desprezo por essa manifestação carnavalesca. Ao identificar a data da fotografia, você acha que os cordões deixaram de existir por conta da oposição de setores da sociedade? Justifique.

PROPOSTA DIDÁTICA

Documento 4

46. O Documento 4A é uma entrevista dada por Sr. Newton, membro da Ala da Velha Guarda da escola de samba Portela, do Rio de Janeiro.

a) Como ele chegou à escola?
b) Segundo o Sr. Newton, quais eram as origens dos sambistas? A qual classe social pertenciam?

47. Quais eram os locais frequentados pelos músicos? Em que região da cidade eles se encontravam?

a) Por quais motivos escolhiam estes pontos de encontro?

48. As fotos do documento 4B representam desfiles de carnaval da década de 1930, do bloco carnavalesco *Turunas do Lloyd* e da escola de samba *Vai como pode* (hoje, Portela). Sobre elas, responda:

a) Onde está acontecendo o desfile?
b) Como são as fantasias dos participantes?
c) O desfile se parece com os que ocorrem atualmente? Aponte algumas semelhanças e diferenças.

Documento 5

49. Leia o texto publicado no jornal Correio Paulistano de 1940, do documento 5:

a) Como o jornal considera que devem ser os verdadeiros temas das músicas carnavalescas?
b) Quais as críticas que o jornal faz às músicas que ganharam nos concursos?
c) Como as músicas ganhadoras apresentavam as mulheres? E como apresentavam os homens?

50. Considerando que o governo daquele contexto, a Ditadura de Getúlio Vargas, impunha ideias de valorização do trabalho e negação da imagem do malandro, qual a contradição que o jornal identifica nas músicas vencedoras?

PROPOSTA DIDÁTICA

Documento 6

O documento 6A é o relato de um membro da escola de samba Unidos do Peruche.

51. Quem está dando o depoimento?

52. O documento discute algumas prisões que aconteceram durante o período da Ditadura Militar Brasileira. Segundo ele, por que elas aconteciam?

53. Existe uma relação entre "repressão", "questão racial" e "carnaval"? Exemplifique com um trecho do texto.

54. Pelo texto, você imagina que o carnaval promovido pelo autor tinha caráter popular ou de elite?

a) Retomando o trecho "Samba era coisa de negro e a sociedade não aceitava", aponte semelhanças entre o preconceito racial desse período e o existente nas festas do entrudo e dos cordões, vistas nos documentos anteriores.

Sobre o documento 6B, responda:

55. Esse é um relato de um membro membro da escola de Samba Unidos do Peruche

a) Quem é o autor do documento?
b) Qual a relação dele com o autor do documento 6A?

56. Segundo o autor, quem foram os responsáveis pela invasão da escola?

a) Você imagina os motivos que levaram a invasão da escola? Estabeleça relações entre os motivos da invasão da escola de samba e os motivos das prisões relatadas no documento 6A.

Documento 7

Acerca do documento 7A:

57. O relato discute a morte de um sambista da escola de samba Unidos do Peruche.

a) Quem era a pessoa que morreu?
b) Como ele é caracterizado no texto?

58. Quem é apontado pelo texto como o responsável pela morte do sambista?

PROPOSTA DIDÁTICA

59. Retomando os documentos 6A e 6B, a relação entre "repressão", "questão racial" e "carnaval" se verifica nesse texto? Como?
60. A fala de Seu Carlão no documento 6A "Samba era coisa de negro e a sociedade não aceitava" continua válida para o documento 7A?

Em relação ao documento 7B, reflita:
61. Que tipo de documento é esse?
62. Qual a relação entre documento 7A e 7B?
63. Qual o motivo do luto retratado no texto?
64. Observe o trecho *"Assim, um fato repete de novo; Sambista de rua, artista do povo. E é mais um que foi sem dizer adeus.*"

a) A frase destacada dá ideia de que a morte de sambistas é algo frequente?
b) Essas mortes, segundo o texto, são de causas naturais ou premeditadas? Elas podem ser associadas a um dos mecanismos de repressão do governo militar? Como?

65. Retomando os documentos 6A, 6B e 7A, por quais motivos o documento assume que *"sambista de rua morre sem glória*" e "*não fica para a história"?*

<u>Documento 8</u>

O documento 8 é o relato de Carlos Pinto da Paixão sobre o surgimento da escola de samba *Unidos do Sapé* (Ponte Nova - MG).
66. Quais eram as pessoas que participavam dos desfiles da escola de samba *Unidos do Sapé*?
67. O que o ato de desfilar no carnaval representava para essas pessoas?

a) Os participantes da escola sofriam algum tipo de preconceito no momento do desfile do carnaval? E em seu cotidiano? Retire trechos do texto que justifiquem sua resposta.
b) Você acredita que o carnaval oferece possibilidades de vivenciar outras experiências fora do seu cotidiano? Como?

PROPOSTA DIDÁTICA

Perguntas finais

68. Você já comemorou o carnaval? Caso sua resposta seja sim, descreva como foi a experiência.

69. Após analisar todos os documentos, coloque as seguintes manifestações carnavalescas na tabela: **entrudo, grandes sociedades carnavalescas, cordões** e **escolas de samba**. Observe que algumas formas de comemorar o carnaval podem constar nos dois lados da tabela.

Carnaval popular	Carnaval das elites

70. Você acredita que o carnaval atual apresenta alguma divisão entre o popular e o luxuoso? Ofereça exemplos para sua resposta.

71. Muitos documentos falam sobre as escolas de samba. Você conhece alguma escola de samba? Qual?

a) Já assistiu algum desfile dessas escolas? Como eles são?
b) Quais são as diferenças entre as escolas de samba descritas nos documentos e as escolas de samba atuais?

72. Você concorda com o título “Disputas Carnavalescas” para esse conjunto de documentos analisados? Por quê?

DOCUMENTO 1A

Samba- enredo: *Ratos e Urubus - Larguem Minha Fantasia*
Escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis (RJ), 1989.

Reluziu... É ouro ou lata
Formou a grande confusão
Qual areia na farofa
É o luxo e a pobreza
No meu mundo de ilusão

Xepa de lá pra cá xepei
Sou na vida um mendigo
Da folia eu sou rei

Sai do lixo a nobreza
Euforia que consome
Se ficar o rato pega
Se cair urubu come

Vibra meu povo
Embala o corpo
A loucura é geral
Larguem minha fantasia
Que agonia... Deixem-me
Mostrar meu carnaval

Firme... Belo perfil!
Alegria e manifestação
Eis a Beija-flor tão linda
Derramando na avenida
Frutos de uma imaginação

Leba - laro - ô ô ô ô
Ebó lebará - laiá - laiá - ô
Reluziu

BEIJA-FLOR. Samba Enredo "Ratos e Urubus", Larguem minha fantasia, 1989. Letras. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/beija-flor-rj/709628> Acesso em: 10 mai. 2022.

DOCUMENTO 1A

Ala *Convite*

Carro abre-alas

ABRE ALAS E ALA CONVITE. In: RAMOS, Jorge Renato Ramos. Mesmo proibido, Olhai por nós. *Sambario,* 24 de outubro de 2016, nº 4, ano I. Disponível em: <http://www.sambariocarnaval.com/index.php?sambando=jorge04> Acesso em: 10 mai. 2022.

DOCUMENTO 1B

Igreja e samba brigam na avenida

Sapucaí. Uma ação cautelar impetrada pelo advogado da Arquidiocese do Rio, Antônio Passos, impediu a Beija-Flor de apresentar na madrugada de hoje uma imagem de quase quatro metros do Cristo Redentor, encravada numa gigantesca alegoria de favela.

Durante a semana anterior ao carnaval dom Eugênio já havia classificado o carvanal como degradação moral, tendo recomendado aos cristãos "desagravar a dignidade de Deus ofendida por tantos". Em Porto

Mais preocupados com os preparativos e a organização do desfile, os diretores da Beija-Flor — escola apadrinhada pelo bicheiro Anízio Abrão — se conformaram com a decisão da Justiça e não tentaram sua revogação. Até o início da noite de ontem, eles planejavam entrar na avenida com a estátua do "Cristo Mendigo" coberta de plástico preto, exibindo a proibição ao público e aos jurados do desfile. O enredo tem como título "Ratos e Urubus... larguem minha fantasia" e a imagem faz parte do carro abre-alas.

"É um carro importante, porque é a primeira de uma série de outras alegorias que fazem alusão à miséria e à pobreza deste país", disse o diretor de harmonia da escola, Luiz Carlos Soares. A estátua estava ambientada no barracão de uma favela, com lixo e muito entulho em volta.

S/A. Igreja e samba brigam na avenida. Jornal O Estado de São Paulo, 07 de fevereiro de 1988. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19890207-34959-nac-0008-999-8-not> Acesso em: 10 mai. 2022

Vocabulário:

Ação cautelar: Direito de acionar a justiça, através de processo, com a intenção de pedir providências prévias, considerando e assegurando a preservação de pessoas, provas ou bens e, eliminando a ameaça de perigo ou prejuízo iminente e irreparável do interesse do protegido (tutelado).

CASTRO, Raul Alberto. Ação Cautelar. (s/d) Disponível em: https://raullica.jusbrasil.com.br/artigos/177526962/acao-cautelar Acesso em: 10 mai. 2022 *apud* THEODORO JÚNIOR, Humberto. Curso de Direito Processual Civil – Processo de Execução e Cumprimento de Sentença, Processo Cautelar e Tutela de Urgência: Humberto Theodoro Júnior. 41ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 2007, p.540. [conteúdo adaptado por nós].

DOCUMENTO 1B

Igreja e samba brigam na avenida

“Uma ação cautelar impetrada pelo advogado da Arquidiocese do Rio, Antônio Passos, impediu a Beija-Flor de apresentar na madrugada de hoje uma imagem de quase quarenta metros do Cristo Redentor, encravada numa gigantesca alegoria de favela.

Durante a semana anterior ao carnaval dom Eugênio já havia classificado o carnaval como degradação moral, tendo recomendado aos cristãos “desagravar a dignidade de Deus ofendida por tantos.”

(...)

Mais preocupados com os preparativos e a organização do desfile, os desfiles da Beija-Flor - escola apadrinhada pelo bicheiro Anízio Abrão - se conformaram com a decisão da Justiça e não tentaram sua revogação. Até o início da noite de ontem, eles planejavam entrar na avenida com a estátua “Cristo Mendigo” coberta de plástico preto, exibindo a proibição ao público e aos jurados dos desfiles. O enredo tem como título “Ratos e Urubus… Larguem minha fantasia” e a imagem faz parte do carro abre-alas.

“É um carro importante, porque é a primeira de uma série de outras alegorias que fazem alusão à miséria e à pobreza deste país”, disse o diretor de harmonia da escola, Luiz Carlos Soares. A estátua estava ambientada no barracão de uma favela, com lixo e muito entulho em volta.”

S/A. Igreja e samba brigam na avenida. *Jornal O Estado de São Paulo*, 07 de fevereiro de 1988. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19890207-34959-nac-0008-999-8-not> Acesso em: 10 mai. 2022.

DOCUMENTO 2A

Cena de Carnaval - Jean-Baptiste Debret

“Cena de Carnaval”. Jean Baptiste Debret. 1823. Disponível em: <https://andredorigo.com.br/debret/> Acesso em: 10 mai. 2022.

DOCUMENTO 2A

No tempo de dantes, Maria Paes de Barros.

“Em certa época do ano, a vida austera e rotineira era esquecida para ceder lugar às loucuras dos três dias de carnaval. Era, sobretudo, o desbragado divertimento do entrudo que empolgava a população brasileira. Desde o Palácio do Imperador até a mais humilde habitação, grandes e pequenos, até mesmo pessoas idosas, todos dominados por insopitável frenesi, tornavam parte apaixonada nessas batalhas de água, até ficarem encharcados - ou antes, até esgotarem todo o precioso líquido disponível.

Constituía essa folgança um rendoso comércio para as mulheres que preparavam as "laranjinhas" e que vendiam incontáveis tabuleiros daquelas lindas bolas de variadas cores, feitas de cera finíssima e cheias de água, que se rompiam facilmente quando atiradas sobre um adversário. Alguns, mais exagerados, invadiam as casas dos parentes e amigos (e até mesmo de estranhos!), na ânsia de provocar batalhas. Acabadas as "laranjinhas" e impossibilitados de substituí-las, lançavam mão de canecas, bacias e jarros cheios de água, que atiravam nos amigos já molhados, sofrendo logo revides, até ficarem as salas inundadas. No entanto, bem pouco interessante era no dia seguinte o número de doentes - o que não impediu que tal divertimento imperasse durante longos anos.

Desaparecida a loucura do entrudo, foi substituída por um carnaval de aspecto mais complexo e dispendioso, que agora, por sua vez, dá mostras de franco declínio - em vista do número de pessoas que abandonam a cidade durante os três dias de festanças. Mas teve sua riqueza e elegância, de que muitos terão saudades ... Luxuosos carros percorriam as ruas da cidade conduzindo figuras alegóricas ou de crítica à política. Carros particulares floridos e adornados de custosos veludos de seda levavam personagens a caráter; cavaleiros trajados com magnificência, montando ginetes ricamente ajaezados, traziam lindas coroas de flores, que, à ponta da lança, ofereciam às damas que ocupavam as janelas ou sacadas dos sobrados. Depois reuniam-se nos bailes, onde se apresentavam com máscaras de veludo negro que lhes permitiam expandir-se em chistes espirituosos ou indiscretos ...

Calculem-se as somas enormes que os opulentos gastavam nessas ocasiões! Os mais sisudos abstinham-se dessas folganças, contentando-se com alugar uma janela na cidade, de onde, com a família, assistiam ao divertido desfile.

Hoje, já se vê, o carnaval perdeu esse brilho, desceu a escala social e popularizou-se - subsistindo mormente em bailes públicos e nas modinhas que lhe assinalam a efêmera passagem.”

BARROS, Maria Paes de. *No tempo de dantes*. São Paulo: Paz e Terra, 1998, p. 39 – 40.

LEMAD
História
USP

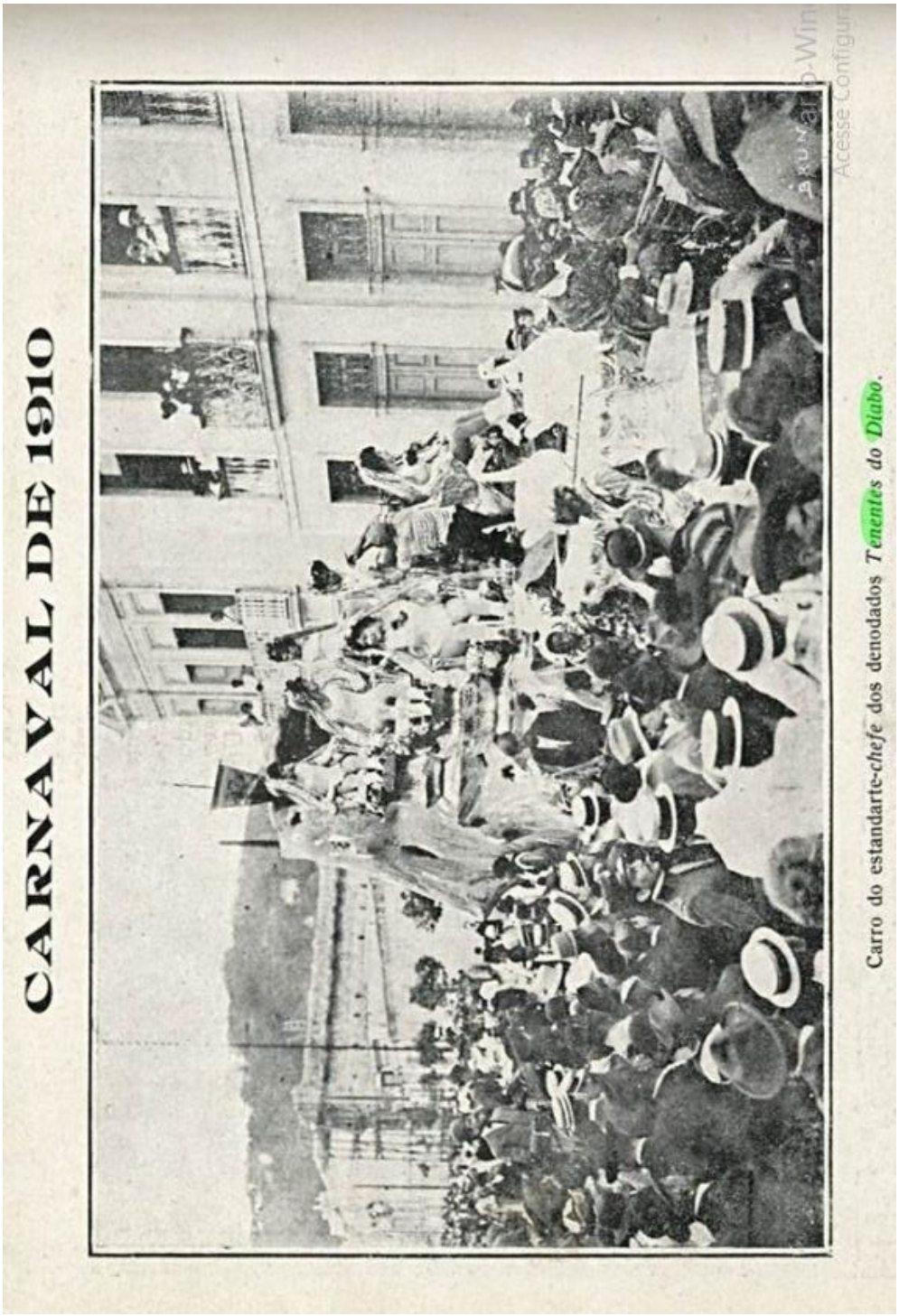
DOCUMENTO 2B

Capa Revista Illustrada, 1881.

"No duelo entre esses dois campos, façamos votos para que o Entrudo morra d'uma vez."

Revista Illustrada, nº 238, ano 6, 1881. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/332747/per332747_1881_00238.pdf> Acesso em: 10 mai. 2022.

DOCUMENTO 2B



"Carro do estandarte-chefe dos denodados *Tenentes do Diabo*"

"O Carnaval de 1910". In: *Fon-Fon:* Semanario Alegre, Político, Crítico e Espusiante, nº 08, 19 de fevereiro de 1910. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=259063&pesq=%22Tenentes%20do%20Diabo%22&pagfis=4057.>Acesso em: 10 mai. 2022.

DOCUMENTO 2B

Manifesto

Á POPULAÇÃO FLUMINENSE

Inaugurado o carnaval n'esta côrte, ha longos annos, pelas memoraveis associações *Summidades* e *Veneziana*, o seu apparecimento foi acolhido com geral agrado pela população fluminense, que n'este folguedo viu, com justeza e discernimento, uma prova do progresso e civilisação, e que, unindo-se aos esforços d'aquellas sociedades, secundando-as nos seus desejos, amparando-lhes o intento, baniu de seus antigos habitos, como nocivo, como anachronico, como improprio da sociedade moderna e da civilisação adiantada a que tem attingido, o barbaro divertimento do entrudo.

Seria incontestavelmente doloroso que esses dispendios, que esses sacrificios, que esses esforços fossem mal comprehendidos e tivessem immerecido acolhimento, sendo assim supplantado o carnaval, que representa a civilisação, pelo entrudo, que representa o barbarismo!

Convictas, pois, de que os seus folguedos publicos são, não só uma distração innocente para a população d'esta cidade, como o principalmente uma manifestação incontestavel de seu adiantamento moral e civilisador,—unidas em uma só idéa, abraçadas em um só desejo, as sociedades *Tenentes do Diabo*, *Democraticos* e *Fenianos* appellam para a sensatez, para a intelligencia, e sobretudo para a proverbial cortezia do publico fluminense, pedindo-lhe a abstenção do entrudo, ao menos durante a passagem dos prestitos carnavalescos.

(...)

(...)

Conservadoras das gloriosas tradições das sociedades *Summidades Carnavalescas*, *Veneziana*, *Bohemia* e outras que souberam abrilhantar as festas do carnaval com o esplendor com que as abrilhantam as cidades mais cultas da adiantada Europa, as sociedades *Tenentes do Diabo*, *Democraticos* e *Fenianos* têm em sua existencia tambem gloriosa, e que já data de não poucos annos, sabido sustentar aquelle brilho e lusimento com applausos da população.

Sem medir esforços, sem reflectir em sacrificios, sem calcular dispendios, ainda este anno se apresentam ellas, pretendendo exceder em esplendor ao luxo ostentado nos annos anteriores.

TENENTES DO DIABO.
DEMOCRATICOS.
CLUB DOS FENIANOS.

(...)

TENENTES DO DIABO; DEMOCRÁTICOS; e, CLUB DOS FENIANOS. Manifesto à população fluminense. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 28 de fevereiro de 1881, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1881_00059.pdf> Acesso em: 10 mai. 2022.

DOCUMENTO 2B

MANIFESTO Á POPULAÇÃO FLUMINENSE

“Inaugurado o carnaval n’esta côrte, ha longos anos, pelas memoriais associações *Summidades* e *Veneziana*, o seu apparecimento foi acolhido com geral agrado pela população fluminense, que n’este **folguedo** viu, com **justeza** e discernimento, uma prova de progresso e civilisação, e que, unindo-se ao[s] esforços d’aquellas sociedades, **secundando-as** nos seus desejos, amparando-lhes o intento, baniu de seus antigos habitos, como nocivo, como **anachonico**, como improprio da sociedade moderna e da civilização adiantada a que tem atingido, o bárbaro desenvolvimento do entrudo.

(...)

Conservadoras das gloriosas tradições das sociedades *Summidades Carnavalescas*, *Venesiana*, *Bohemis*, e outras que souberam abrilhantar as festas do carnaval com que as abrilhantam as cidades mais cultas da adianttada Europa, as sociedades Tenentes do Diabo, Democraticos e Fenianos têm em sua existência tambem gloriosa, e que já data de não poucos annos, sabido sustentat aquelle brilho e **lusimento** com applausos da população.

Sem medir esforços, sem reflectir em sacrificios, sem calcular **dispêndios**, ainda este anno se apresentam ellas, pretendendo exceder em esplendor ao luxo ostentado nos annos anteriores.

(...)

Seria incontestavelmente doloroso que esses dispêndios, que esses sacrificios, que esses esforços fossem mal comphendidos e tivessem immerecido acolhimento, sendo assim **suplantado** o carnaval, que representa a civilisação, pelo entrudo, que representa o **barbarismo.**

Convictas, pois, que seus folguedos publicos, são não só uma distração innocente para a população d’esta cidade, como o principalmente e uma manifestação incontestavel de seu adiantamento moral e civilisador, - unidas em uma so idéa, abraçadas em um só desejo, as sociedades Tenentes do Diabo, Democraticos e Fenianos appelam pela sensatez, pela intelligencia, e sobretudo pela **proverbial** cortezia, do povo fluminense, pedindo-lhe a **abstenção** do entrudo, ao menos durante a passagem dos **prestitos** carnavalescos.

(...)

TENENTES DO DIABO.
DEMOCRATICOS.
CLUB DOS FENIANOS.”

TENENTES DO DIABO; DEMOCRATICOS; e, CLUB DOS FENIANOS. Manifesto à população fluminense. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 28 de fevereiro de 1881, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1881_00059.pdf> Acesso em: 10 mai. 2022.

DOCUMENTO 2B

Vocabulário - Documento *"Manifesto á população fluminense"*

Manifesto: "Declaração formal (...) e pública para a transmissão de opiniões, decisões, intenções e ideias", com o objetivo de convencer a(s) pessoa(s).

Folguedo: Festa. Folia.

Justeza: Perfeição (...) Primor.

Secundando-as: 1. Repetindo-as, reforçando-as, redizendo-as. 2. ajudando-as, auxiliando-as. 3. Fornecendo-as.

"Anachronico": Anacrônico: "Este é um adjetivo que qualifica algo considerado obsoleto e retrógrado para determinada época, estando diretamente relacionado com um erro cronológico, ou seja, um anacronismo. Entre alguns dos principais sinônimos de anacrônico, estão: antiquado, obsoleto e arcaico".

Lusimento: Brilho. Luminosidade.

Dispêndios: Gastos. Despesas. Custos.

Suplantantado: Derrotado. Vencido. Superado.

Barbarismo: Bárbaro. Não civilizado. "O termo barbarismo é derivado da palavra bárbaro, ou seja, aquele que é contrário às regras ou ao seu uso, que age de maneira incorreta".

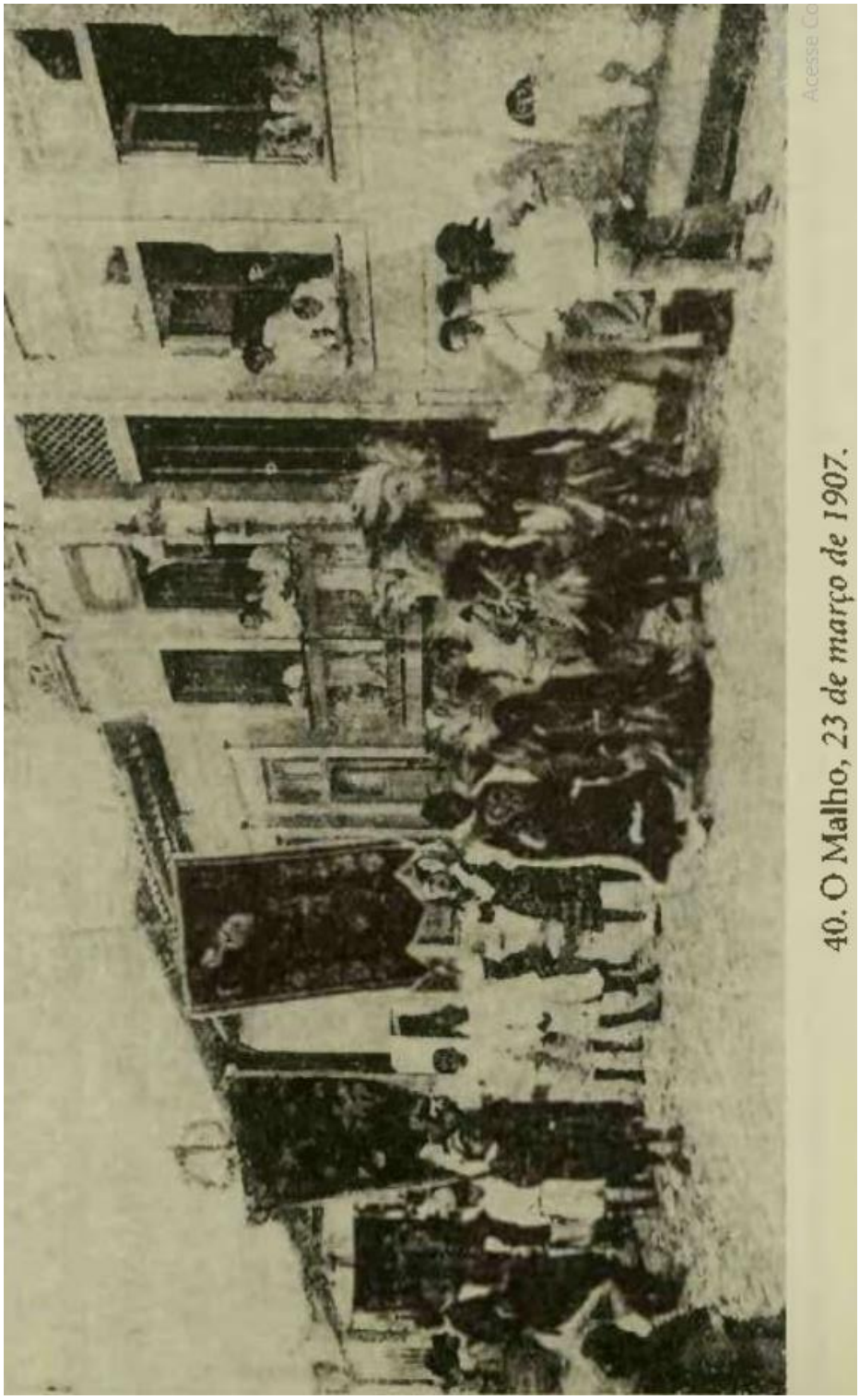
Proverbial: "Que é muito conhecido".

Abstenção: Recusa durante uma assembleia. Repúdio. Declaração de que não se quer alguma coisa. Privação.

Préstitos: "[Brasil] Desfile de carros alegóricos, no carnaval".

DOCUMENTO 3A

Cordão carnavalesco *Coração de Ouro*, 1907.



O carnavalesco Coração de Ouro à sahida da sua sêde à Travessa 11 de Maio. Photografia tirada pelo amador Luiz Martins Corrêa, no domingo de Carnaval.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da Folia*: uma história social do carnaval brasileiro entre 1880 e 1920. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 179.

DOCUMENTO 3A

VIVA O CORDÃO!

Hoje, segunda-feira, é o dia dos *cordões*. Bem merecem elles, sem duvida, as palmas do chronista, elles, os irreductiveis guardas da tradição popular do carnaval carioca.

As grandes sociedades do luxo, da elegancia e do espirito representam a aristocracia carnavalesca. Os cordões são o povo.

Sem os deslumbrantes prestitos, o carnaval corre sem animação nas ruas centraes. Sem os cordões, não haveria carnaval, nem a festa chegaria, na sua ruidosa e communicativa loucura, ás ruas calmas e longinquas dos arrabaldes e dos suburbios.

O carnaval, sem os cordões, seria assim uma coisa artificial e fria como a inolvidavel batalha de flores do campo de Sant'Anna. Graças aos cordões é a unica festa popular; a unica tradição que permanece viva, a unica expansão de alegria da alma de conselheiro que tem esta população irritantemente melancolica, um arco-iris fulgurante, aberto de repente sobre a cinzenta monotonia da gravidade do Rio.

Viva o cordão!

O cordão devia ser, não o alvo da troça dos chronistas, mas o ponto de convergencia de seus applausos mais carinhosamente animadores.

REPÓRTER, J. Viva o cordão! **O Paiz**, 15 de fevereiro de 1904. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=178691_03&pasta=ano%20190&pesq=%22viva%20o%20cord%C3%A3o%22&pagfis=7255.>. Acesso em: 10 mai. 2022.

DOCUMENTO 3B

O CARNAVAL

Decididamente hei de morrer sem me conformar com o carnaval carioca. Eu estava convencido de que, com a idade, o meu gosto lhe iria fazendo, aos poucos, algumas concessões; mas não: o carnaval carioca parece-me, benza-o Deus, cada vez mais sensaborão e mais estupido!...

O estrangeiro, que não conheça esta cidade e nella desembarque num domingo gordo, pensará, talvez, que por engano veiu parar n'alguma terra dominada por selvagens africanos; e, se lhe disserem que não se enganou, que effectivamente é esta a capital da Republica dos Estados Unidos do Brazil, julgará ter havido aqui uma invasão de barbaros! O carnaval, como hoje o temos, não é uma festa: é um tripudio, indigno da civilização americana.

*

Já no sabbado o meu bairro, que é o da Misericordia, tinha sido atordoado pelas cantigas intoleraveis dos taes «cordões», e pelo zé-pereira que, não sendo um zé-pereira a valer, executado por latagões vigorosos que o comprehendam, que o sintam, que lhe dêem toda a expressão que elle reclama, torna-se um barulho de irracionaes.

Ainda assim, dou graças a Deus por já não estar em Botafogo, naquella mysteriosa e recondita rua Pinheiro Guimarães, hoje famosa pela rocambolesca evasão de Obed Cardoso!

Ali morei, vizinho de um *cordão*, e creio que com isso descontei os meus innumeros peccados e conquistei um logarinho no reino dos céos, graça com que absolutamente não contava antes de ter sido, como fui, submettido a tal provação.

AZEVEDO, Arthur. O Carnaval. In: **O Paiz**, 15 de fevereiro de 1904. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=178691_03&pasta=ano%20190&pesq=%22viva%20o%20cord%C3%A3o%22&pagfis=725>. Acesso em: 10 mai. 2022

DOCUMENTO 3C

Cordão da Bola Preta, 1936

Anônimo. Salve! "Cordão da Bola Preta", Penha de 1936, 1936. Rio de Janeiro, RJ / Acervo FBN

ANÔNIMO. *Salve "Cordão da Bola Preta"*, Penha de 1936. Rio de Janeiro, RJ. Acervo FBN. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=4376>. Acesso em: 10 mai. 2022.

DOCUMENTO 4A

TAMARA: O senhor chegou à Portela, através do seu pai?

Sr.NEWTON: Através do meu pai, não, através da minha mãe. A minha mãe desfilou em 1933, na Portela, comigo no ventre! Eu estava ali guardadinho, já! Bom, meu pai... Ele não chegou à Portela, ele ajudou a criar a Portela!

O que acontecia, o samba era perseguido pela polícia e era discriminado socialmente. Não havia realmente o respeito pelo sambista, porque o sambista era produto da escravidão, né! Eram escravos, os fugitivos das senzalas e alforriados também, né, que se reuniam ali naquela parte da Gamboa, ali pelo Morro da Providência, o Morro da Conceição, Pedra do Sal, ali pelo [morro do] Livramento.

Eles fugiam pra lá, porque os negros fugiam das senzalas dali mesmo dos navios que acostavam na Praça Mauá, dali mesmo eles, eles fugiam. Porque lá no alto [dos morros] os capatazes não iam, né! Aquilo tudo lá era mato... Então ali começaram as batucadas. A Praça Mauá é um centro... (eu to assim resumindo) um centro de encontro dos grandes batuqueiros. Na Pedra do Sa, iam jogar capoeira, tocar berimbau, maculelê. Dessa mistura musical africana é que surgiu o tal do samba! ***Meu pai trabalhava naquela parte da Gamboa, todos os sambistas daquela época... Era tudo pessoal do cais trabalhava na Gamboa, nos Armazéns Gerais (chamado trabalho de resistência)...*** *E se reuniam ali, principalmente [próximo à] a rua do Livramento, como é mesmo o nome daquilo dali? São Francisco da Prainha!.*[84]

CRUZ, Tamara dos Santos. *As escolas de samba sob vigilância e censura na ditadura militar:* memórias e esquecimentos. Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História [Dissertação de Mestrado], 2010, p.53-54.

LEMAD
História
USP

DOCUMENTO 4B

"Carnaval, década de 30. Mestre-sala e porta-bandeira (homem travestido) no desfile do bloco carnavalesco "Turunas do Lloyd", na rua da Conceição, em Niterói: primeiras escolas de samba nasciam no período e logo destronariam as manifestações carnavalescas mais populares."

"Primeiro desfile. Integrantes da Portela (ainda com o nome de Vai como Pode) concentrados para o desfile promovido pelo "Mundo Esportivo" na Praça Onze. 13/02/1932"

Primeiros desfiles das escolas do Rio. Acervo do Jornal *O Globo.* Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/incoming/primeiros-desfiles-das-escolas-do-rio-22405479>. Acesso em: 10 mai. 2022.

DOCUMENTO 5

MUSICAS DE CARNAVAL

Se o leitor já se deu ao trabalho de estudar as canções carnavalescas do anno em curso, estamos certos de que concordará comnosco: as canções chamam-se "carnavalescas" exclusivamente porque se dizem "carnavalescas". De Carnaval é que não têm nada.

Basta percorrer a lista das que foram premiadas no concurso levado a effeito no Rio, sabbado passado, em beneficio da Casa do Pequeno Jornaleiro e da Cidade das Meninas, sob a presidencia do sr. Lourival Fontes, director-geral do Departamento de Imprensa e Propaganda:

Sambas: 1.º lugar, "O' seu Oscar"; 2.º, "Despedida de Mangueira"; 3.º, "Cáe-cáe".

Marchas: 1.º lugar, "Dama das Camelias."; 2.º, "Pelle Vermelha"; 3.º, "Mal-me-quer".

Onde estão as Colombinas, os Pierrots, os Arlequins?

DOCUMENTO 5

Em nenhuma dessas canções se faz a mais leve referencia aos typos classicos. Se alguma figura de mulher apparece é a mulata do morro; se alguma figura de homem, é o malandro das favellas. No fundo, nenhuma canção lembra o Carnaval. São languorosas, são sensuaes, são pornographicas, mas carnavalescas nunca. Prestam-se indiscutivelmente para a dansa. Prestam-se para ser berradas nos salões de baile, quando a "champagne" e o ether começam a produzir effeito. Mas não são carnavalescas, pelo menos no sentido de musicas adequadas ao Carnaval.

Houve um anno em que a pobre e desprezada Colombina appareceu nos versos de um samba melancolico. E atrás da Colombina veio infallivelmente Pierrot, um pobre Pierrot que "acabou chorando, acabou chorando". Mas o diabo do poeta parece que não teve imaginação que bastasse para toda a versalhada. Depois de uma quadra que ficou servindo de estribilho, a coisa desandou e a Colombina e o Pierrot foram acabar num botequim, comendo amendoim e tomando sorvete...

No genero idiota, veja bem o leitor, não ha nada mais sublime. E é pena. E' pena, sim, porque os nossos compositores são, antes de mais nada, espontaneos. Com semelhante dom poderiam escrever, para estes dias de festa, mesmo no genero samba e marcha, muita coisinha interessante e gostosa, como, por exemplo, essa "Despedida de Mangueira" que tambem nós, no momento em que escrevemos estamos cantando em voz baixa...

S/A. "Músicas de Carnaval". [Seção] Notas e Comentários. In: *Correio Paulistano*, 3 de fevereiro de 1940, p. 5. Disponível em:<https://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=090972_09&Pesq=entrudo&pagfis=381> Acesso em: 10 mai. 2022.

LEMAD
História
USP

DOCUMENTO 6A

Relato de Seu Carlão - Membro da escola de Samba Unidos do Peruche

“Quantas vezes eu não fui preso e me soltaram no outro dia de manhã cedo, por fazer batucada na cidade, por causa de samba. E não era só eu não, tinha muita gente que passou por isso, por fazer organizar carnaval e fazer roda de samba no centro da cidade"

“A gente fazia batucada e tinha repressão. Nos prendiam, nos levavam à delegacia e nos deixavam lá, nos dando chá de canseira e iam nos soltar só de manhã. [A repressão] acontecia porque era coisa de negro. Samba era coisa de negro e a sociedade não aceitava. De maneira nenhuma....”

Histórias (quase) esquecidas de repressão no Carnaval: Episódios do começo do século revelam perseguição aos sambistas dos primeiros cordões carnavalescos no país. Vanessa Nicolav. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/02/21/historias-quase-esquecidas-de-repressao-no-carnaval> Acesso em: 10 mai. 2022.

DOCUMENTO 6B

Relato do cantor e compositor Zé Maria sobre a invasão da Quadra da Escola de Samba Unidos do Peruche

“Eu tinha uma namoradinha no morro. Fui pra casa dela e depois cismei de ir para a quadra (...) Daqui a pouco ouvi um barulho de carro, eram muitos carros, todas as viaturas da PM (...) Já entraram atirando para tudo que é canto, metralhando as cornetinhas de som (...) Um dos PMs se aproximou com o cassetete (...) deu ordem para eu sair andando e atirou na minha perna. “Joga esse neguinho no camburão” - disseram. Eu fui saindo de fininho enquanto eles arrombaram a sala de instrumentos e metralharam tudo, jogaram bomba na geladeira (...) Metralharam tudo. Não ficou nada inteiro!

(...) Na quadra o couro comeu. O que tinha para estragar eles atiraram mesmo. Passaram uns minutos e lá saíram que nem uns doidos nas viaturas (...) Todo mundo foi para a quadra, um monte de gente, curiosos, enfim, lotou a quadra para ver o estrago. Voltaram em dobro e aí foi triste (...) Cercaram o quarteirão inteiro. Tiro, bomba, mas era a época deles, não é? Essa segunda rodada na quadra foi dura. Tem gente com sequelas até hoje (...)”

Relato de Zé Maria. In: BARONETTI, Bruno Sanches. *Espaços de sociabilidade das populações negras em São Paulo:* as escolas de samba e suas intersecções com os movimentos associativos (1949-1978). 2021. 466 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Departamento de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021, p. 30-32. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-24062021-184504/publico/2021_BrunoSanchesBaronetti_VCorr_V1.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2022.

DOCUMENTO 7A

Relato de Seu Carlão - Membro da escola de Samba Unidos do Peruche

“Ele não era metido em política. Mas na época tinha a lei da vadiagem, você tinha que ter carteira assinada. Ele sempre viveu de bico, nunca teve carteira assinada, emprego fixo (...) Era todo valente, não sei no que ele estava metido, mas tenho certeza que foi execução. Mataram o Pato N’Água (...) Até hoje tenho comigo que foi o esquadrão da morte. Época da Ditadura. A ROTA, o DOPS, a Polícia do Exército, todos eles tinham esquadrão da morte. Acharam o corpo dele em uma lagoa em Suzano. A polícia queria registrar como afogamento. Onde já se viu Pato N’Água morrer afogado? Mataram ele em outro lugar, ali foi só o lugar de descarte do corpo. A jaqueta que ele estava quando me deram ela tinha um furo de 45. Quando eu fui fazer o reconhecimento do corpo eu vi um furo na jaqueta dele (...) Ninguém sabe por quê. Ele tinha uns 40 e poucos anos.”

Entrevista com seu Carlão do Peruche, 21 dez. 2018 In: BARONETTI, Bruno Sanches. **Espaços de sociabilidade das populações negras em São Paulo**: as escolas de samba e suas intersecções com os movimentos associativos (1949-1978). 2021. 466 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Departamento de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021, pp. 333. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-24062021-184504/publico/2021_BrunoSanchesBaronetti_VCorr_V1.pdf> Acesso em: 10. mai. 2022.

DOCUMENTO 7B

Canção *Silêncio do Bexiga*

Silêncio o sambista está dormindo

Ele foi mas foi sorrindo

A notícia chegou quando anoiteceu

Escolas eu peço o silêncio de um minuto

O Bexiga está de luto

O apito de Pato n'água emudeceu (2x)

Partiu não tem placa de bronze não fica na história

Sambista de rua morre sem glória

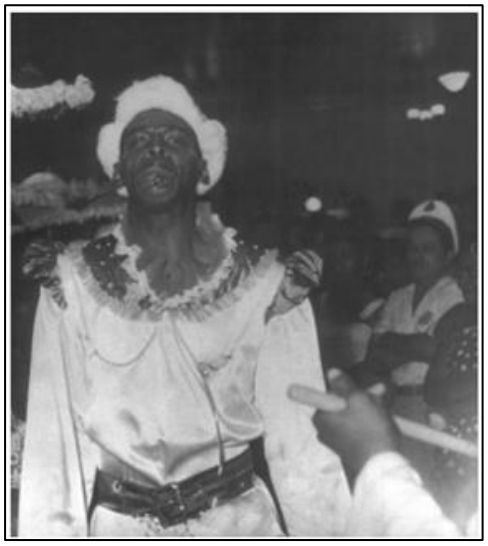
Depois de tanta alegria que ele nos deu

Assim, um fato repete de novo

Sambista de rua, artista do povo

E é mais um que foi sem dizer adeus.

FILME, Geraldo. Silêncio no Bexiga. Intérprete: Geraldo Filme. Álbum Plínio Marcos em Prosa e Samba "Nas quebradas do Mundaréu". Gravadora Chantecler. Catálogo CMGS - 9072, 974



Walter Gomes de Oliveira, o Pato N 'Água, em desfile na década de 1960. MORAES, José Geraldo Vinci de. História e Música: canção popular e conhecimento histórico. Revista Brasileira de História. São Paulo: vol. 20, n°39, 2000.

DOCUMENTO 8

Relato de Carlos Pinto da Paixão - Membro da Escola de Samba Unidos do Sapé (Ponte Nova - MG)

"Sim, era muito porque tinha a ansiedade de como iria ficar, como que ia fazer, a ansiedade da disputa, de se sentir importante, porque a maioria era cortadores de cana entendeu?! Eram pessoas cortadoras de cana, que lá embaixo, no centro, eles eram invisíveis, não eram enxergados como pessoas que trazia a economia, que gerava a renda dentro da cidade, eles eram invisíveis. Na hora do desfile, eles se sentiam alguém, se sentiam o rei, porque eram aplaudidos, jogavam confetes, ai eles se sentiam gente, e esse era o maior prêmio, maior até do que ganhar o carnaval, todo mundo falava de ganhar o carnaval, mas na realidade o maior prêmio era esse, ser sentido como pessoa, porque eram todos do bairro pobre eram cortadores de cana...porque aí a pessoa fala: opa eu existo!, porque quando passam sozinhos não são enxergados, são discriminados, hoje já está melhor, mas naquela época, o preconceito era pesado....até 80 ainda tinha essa coisa, porque tinha muita gente mais antiga que nos criaram com esse ar de inferioridade...tanto que aqui se uma loja era muito bonita, muitos aqui tinham receio de entrar na loja, não é que a loja proibia de entrar, mas a gente se achava pequeno para a loja, achava que a loja era para rico e não para pobre."

VIDAL, Janice Estarlindo. *Tempo de folia*: um estudo do carnaval em Ponte Nova - MG na primeira metade do século XX. 2019. f. 183. Dissertação (Mestrado) - Mestrado profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania. Universidade Federal de Viçosa, 2019, p. 102.